

ECONOMIA POLÍTICA A PARTIR DAS COMUNIDADES II¹

Débora Assumpção e Lima

Doutoranda do Departamento de Geografia, Instituto de Geociências – UNICAMP
Pesquisadora visitante do Departamento de Desarrollo Rural da Universidad Autónoma
Metropolitana, campus Xochimilco
Bolsista CNPq
deborassumpcaolima@gmail.com

Boa tarde a todos, companheiras e companheiros, irmãos e irmãs.

Segundo o que já estamos explicando desde ontem, de antes de ontem, estávamos comentando com a comissão de companheiros e companheiras do CCRI², que acreditamos ser o caminho do que queremos construir, e a pergunta, e por que estamos todos aqui, se não estamos sonhando ou dormindo, então já temos em nossas cabeças o que foi dito, o que já foi reivindicado, falado, pelos companheiros, irmãos. Muitas coisas que já nos disseram do que é a hidra³. E o que temos que fazer contra isso?

Nos organizar. Quando vamos dar essa resposta, nos organizar, quer dizer que nosso cérebro já está nos dizendo o que temos que fazer primeiro, depois em segundo, em terceiro, e em quarto lugar e, por conseguinte. Isso já está na ideia, quando está no cérebro é que já está nas ideias. Agora, quando temos que mover a língua é porque está na palavra. Falta a ação, ou seja, a de se organizar. E já quando está se organizando, cuidado, porque aí não vai sair igual o que havia sido dito na ideia, ou na palavra. Aí é que começamos a encontrar as pedras no caminho, e muitas dificuldades.

Porque se não, vamos chegar em 2100, bem, os que irão chegar, estaremos outra vez falando ideias, palavras, pensamentos, enquanto o capitalismo avança, e onde foram os que falavam tanto sobre o mal capitalista? O que fizemos para que as coisas chegassem a esse ponto?

Bom, essa é uma reflexão que estivemos conversando com os companheiros do CCRI, da Comitê da Sexta do EZLN⁴.

¹ Tradução do texto “Economía Política I. Una mirada desde las comunidades”, do Subcomandante Insurgente Moisés. O texto é a exposição do Subcomandante no Seminário “El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista”, realizado dia 05 de maio de 2015 no Caracol Oventic e na CIDECI/Universidad de la Tierra Chiapas, localizada em San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México. As apresentações do seminário foram organizadas em livro que leva o mesmo nome em 2016.

² Comité Clandestino Revolucionário Indígena [Comitê Clandestino Revolucionário Indígena]

³ A hidra, monstro temido de corpo de dragão e diversas cabeças de serpente que se regeneram e multiplicam, aparece em diversos discursos zapatistas para refletir sobre as artimanhas do sistema capitalista, que em seus momentos de crise se recria e regenera. A sessão II, do livro “El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista”, chamada “Nuestra mirada a la Hidra” dedica-se a expor a hidra e as possíveis formas de combater o monstro a partir das frestas e olhares zapatistas. Sobre esta sessão do livro, ver <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/category/nuestra-mirada-a-la-hidra/>.

⁴ O Comitê da Sexta surge após a Sexta Declaração da Selva Lacandona, em 2005. Após publicizar o fim do exército armado, os zapatistas reforçam a estratégia política de rede e diálogo com grupos, coletivos, organizações e intelectuais que apoiam e participam da luta zapatista e pautas que dialogam com o projeto do EZLN: indígenas, LGBTI, anticapitalista, feminista, lutas rurais e urbanas. Representantes destes coletivos e

Vamos seguir compartilhando os temas de ontem, como é a economia nas comunidades de luta, de resistência zapatista, na prática, não na teoria. Na prática extraímos o pouco de teoria que estamos compartilhando agora.

Por exemplo, nós somos assim, não recebemos nada do governo, inclusive nós não falamos nada com o governo, nenhuma base de apoio. Enquanto nos assassinarem, não falaremos com o *mau gobierno*, como resolvemos nossos problemas se temos que ensinar o *mau gobierno*? Uma das coisas são as denúncias públicas que fazem as Juntas de Bom Governo⁵ para que o *mau gobierno* saiba o que está acontecendo. E se não nos escutam assim, temos as rádios comunitárias zapatistas, porque assim como ontem estávamos conversando, o governo tem seus espiões, suas escutas, alguém deles está gravando as mensagens das rádios comunitárias zapatistas, e isso já sabemos. Logo há outras coisas, mas daqui a pouco falamos sobre isso.

Em poucos momentos manuseamos dinheiro. Por exemplo, quando estamos mobilizando assim sim nos vemos obrigados, porque temos que pagar com pesos [mexicanos] a gasolina, não aceitam quilos de milho e feijão como pagamento. E isso é o que lutamos, que combatemos. Todo isso que vou conversando com exemplos, é feito com trabalho político, ideológico, muita explicação, muita conversa do que é importante, do que é necessário, do que queremos fazer.

Por exemplo, a educação. Vou contar como é que inventamos a educação da escola zapatista. Um companheiro é educador da zona, e ficou 6 meses fazendo formação no caracol preparando os promotores e promotoras de educação das comunidades, onde chegam centenas de alunos, alunos-maestros que se vão formar.

Então, esse companheiro educador partiu da zona para ver sua família. Chegando na casa de seus pais, um companheiro foi chamar seu pai. E o pai do companheiro educador pergunta: “Trouxe seu milho, seu feijão? Porque aqui não tem nada.” E o companheiro educador diz:

- Não entendo.

organizações são o que conforma o Comitê da Sexta. A Sexta Declaração encontra disponível em português em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/sdsl-pt/>

⁵ Desde 2003, os zapatistas divulgaram que cada uma das cinco regiões com presença zapatista em Chiapas (Los Altos, Selva Tseltal, Selva de Fronteira, Tzots Choj e Zona Norte) está organizada de forma rotativa nas chamadas “*Juntas de Buen Gobierno*” (Juntas do Bom Governo) – JBG. Seus locais estão nos ‘*Caracoles*’: La Realidad, La Garrucha, Roberto Barrios, Oventic e Morelia. Sobre a organização dos municípios zapatistas, a formação dos *caracoles* e das JBG existem diversos textos. Podemos citar o artigo “La autonomía como eje de la resistencia zapatista. Del levantamiento armado al nacimiento de los Caracoles” (2004), de Raul Ornelas publicado pela Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLASCO), disponível em <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101018124258/8ornelas.pdf> . E os textos dos próprios zapatistas, todos de 2003: “Chiapas: la treceava estela. Primera parte: un caracol”, disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2003/07/21/chiapas-la-treceava-estela-primera-parte-un-caracol/> “Chiapas: la treceava estela. Segunda parte: una muerte”, disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2003/07/21/chiapas-la-treceava-estela-segunda-parte-una-muerte/> e “Chiapas: la treceava estela.. Tercera parte: un nombre. La historia del sostenedor del cielo”, disponível em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2003/07/21/chiapas-la-treceava-estela-tercera-parte-un-nombre-la-historia-del-sostenedor-del-cielo/> .

- Como não entende? Você não está trabalhando.
- Como não estou trabalhando pai, se estou trabalhando lá com os companheiros?
- O que seus companheiros te deram? Se é para benefício nosso também, porque não pensam que aqui também se precisa fazer algo para poder viver?
- Não, é que estamos na luta também – disse o companheiro.
- Sim, mas também precisamos ter nossa subsistência para lutar.
- Sim – disse o companheiro educador.
- Sabe de uma coisa filho? – disse o pai – Filho, você precisa voltar. Fale lá com as autoridades autônomas porque se não você fica o tempo todo por lá, e não se organiza.

E o companheiro teve que voltar. Falou com a Junta de Bom Governo, e a Junta de Bom Governo se organizou com os companheiros que estão na comissão, e assim chamamos, a comissão de vigilância e a comissão de informação, ou seja, os companheiros e companheiras do CCRI. Se organizaram e começaram a discutir o problema do companheiro, porque já havia se tornado um problema.

E a junta e o CCRI dizem, que é isso, esse trabalho é feito por séculos e séculos, e então precisamos pensar sobre. E aí começam as discussões, do que fazer.

- Não, porque teremos que colher o pouco que temos.
- Mas quanto tempo vai durar isso, o pouco que temos?
- Pois vai durar apenas um ano.

Então, começam a pensar e até que saí assim, que, por exemplo, se a zona trabalha coletivamente, então a comunidade, ou seja, o povoado do promotor ou do educador que participa das bases de apoio ali na zona vai, de acordo com a decisão da Junta, que os membros da base de apoio desta comunidade vão trabalhar na *milpa*⁶, no cafezal, nas plantações de feijão, na pastagem da família do companheiro educador. Com o trabalho dos companheiros da base, os educadores podem ter seu milho, seu feijão, seu café, alguns animais, seu sustento. Não se dá um salário aos companheiros e companheiras, formadores, educadores, na verdade assim se preparam os companheiros, companheiras, promotores de saúde.

As situações dos outros companheiros, companheiras, em outras zonas são diferentes como essa que vivenciamos, na zona da Selva Fronteriça ou na zona Tzeltal, a situação é diferente que na zona dos companheiros de Los Altos. Então há zonas que

⁶ A *milpa* é um dos sistemas de cultivos mais importantes da Americana Latina, originária da região mesoamericana – que compreende México, Guatemala, Belize, El Salvador e Honduras. Esse agroecossistema de base agrícola indígena e camponesa, é caracterizado pelo cultivo do milho, do feijão e da abóbora como pilares, associados a mais de centenas de outras plantas, arbustivas e arbóreas e de ervas medicinais. A variedade e o consórcio das plantas são bastante diversos, de acordo com cada região e suas características naturais.

trabalham coletivamente o gado, e quando os companheiros tratam de organizar os primeiros passos imediatamente se dão conta dessas coisas.

Por exemplo, é isso que estou dizendo, que no trabalho coletivo que fazem na zona está muito distante das comunidades, na hora de ir para a plantação coletiva, os companheiros gastam muito. Gera gasto, então os companheiros distribuem os trabalhos, mas continua sendo coletivo. É dizer que então, vamos imaginar que esta é uma zona, tudo que está dentro dessa casa, mas que são muito distantes, há partes que ficam há 10 horas de carro, e assim se faz um acordo, que pode ser de diferentes modos de trabalho coletivos, aqui é a padaria, lá no outro canto é a sapataria, mais pra lá é a granja de x coisa, logo aqui há outro trabalho coletivo de uma zona. Então, as pessoas das comunidades mais próximas vão para os lugares onde trabalhamos a terra, para evitar mais gastos, e os representantes só se reúnem para informar como estão, como vai o trabalho.

O segredo é que ninguém fique sem trabalhar coletivamente. E antes que vocês duvidem ou que um dia se perguntem o que acontece com os que não querem fazer trabalhos coletivos, não os obrigamos. Não obrigamos ninguém, simplesmente dizemos: tudo bem, companheiro, companheira, que não quer, mas como é zapatista quando houver cooperação essa parte sairá de seu bolso.

E os companheiros estão vendo as coisas que fazemos na prática e como estão sobrevivendo, e o que os companheiros tem feito. E assim alguns que antes não queriam participar do trabalho coletivo vão se integrando.

Nas zonas pecuárias de trabalho coletivo acontece a mesma coisa, todos os trabalhos coletivos que são feitos são pelo movimento de luta ou pelo movimento de autonomia. Aqui o que se descobriu na prática é que não podemos, ou seja, que nos equivocamos, organizar 100% no trabalho de forma coletiva. Vimos que não funcionou porque houveram muitas queixas, muitos problemas.

Queixas de que não havia sal, não havia sabão. Queixas no sentido de que não se repartia o tempo de semear do tempo de colher. Queixas no sentido de que havia companheiros que têm muitos filhos, e se repartia igual; com os companheiros que tinham poucos filhos se repartia igual. Então todas essas coisas nos fizeram refletir sobre o que seria melhor as comunidades, as regiões, os municípios autônomos e a zona entrarem em acordo de como querem trabalhar.

O interessante é que há tempo para a família e tempo para o coletivo. Assim trabalham os companheiros. Por exemplo, na pecuária. Quando falo de pecuária não há uma única forma. Há, por exemplo, coletivos de vaqueiros que focam em bezerros, outros em pecuária de corte, engordam o gado por alguns meses e logo vendem, e compram mais cabeças, como se fosse uma mercearia.

Há zonas que também trabalham a sapataria, onde os companheiros fazem seus sapatos. Há uma forte crítica, e nós chamamos a atenção dos companheiros, assim como falei da pecuária, das peles do gado que se come ou que se mata, e se deixa apodrecer, dos cavalos, dos burros, das mulas, que se perdem porque não sabem curtir o couro. E tentaram chamar os companheiros para ensinar, mas ninguém quer ensiná-los, porque o lugar que estavam buscando pessoas para poder ensiná-los é o lugar que faz o couro. Bom, vamos ver se alguém por aí se habilita a ensiná-los.

Outra forma de economia zapatista é, como colocaram os companheiros, os bancos autônomos. Os chamados BANPAZ, BANAMAZ⁷; e agora pelo que dizem também existe o BAC, que é o Banco Autônomo Comunitário. São duas ideias que estão em jogo aí. Uma é a das necessidades, sabão, sal, açúcar, essas coisas. Para o dinheiro que os companheiros adquirem quando vendem seu feijão, seu milho, seu porco, o que tenham, e então colocam na mercearia, e esse dinheiro que conseguem vendendo seus produtos vai para a cooperativa coletiva e esse dinheiro, o pouquinho que se obteve de lucro vai para o movimento de autonomia ou da luta, para que não vá parar com os partidários.

A BAC e os bancos autônomos fazem assim também, e emprestam dinheiro para outras pessoas, zapatistas e não zapatistas, e cobram até 15% de juros mensais, ou seja, estão aproveitando da situação. Por isso os companheiros fazem esse fundo, esse banco autônomo, para saúde e o comércio. Alguns companheiros já tiveram problemas, e acreditem, não foi algo muito bonito. Esses problemas vão melhorar, porque se existem coisas bonitas, como dizem por aí, é por causa das decisões destas comunidades, destes homens e mulheres.

Por exemplo, se eu pego um empréstimo de 10 mil pesos do banco autônomo, e consigo resolver o problema de saúde que tinha meu filho ou minha esposa, pago 2% de juros; e se eles não se curarem, se meu filho ou minha esposa chegam a falecer, o empréstimo é de fundo perdido, já não o pago. É um acordo que fizeram em uma zona, como se perdeu a vida de uma família, o dinheiro também se vai com essa vida.

Onde se encontram o fundo dos bancos autônomos? Existem várias formas de fazê-lo. Uma é que fazem um acordo com os companheiros, com as bases. Ou seja, este mês de maio vou depositar um peso por pessoa, e logo em junho outro peso, totalizando 12 pesos de aporte como base de apoio por ano, e como somos milhares então já contabiliza 12 mil, 15 mil. É isso que vai para o fundo, ou seja, o banco autônomo.

Outra são os donativos de nossos irmãos e irmãs, companheiros e companheiras solidários. Uma parte disso vai para o fundo, no banco autônomo, y outra parte vai para os trabalhos coletivos das zonas.

⁷ Banco Popular Autônomo Zapatista (BANPAZ) e BANAMAZ (Banco Autônomo de Mujeres Zapatistas).

Outra forma de como conseguir recursos são os acordos entre as zonas. Quando é tempo de vender as colheitas, de café ou milho, eles já entram em um acordo, por exemplo, cada base de apoio tem que aportar 80 quilos de milho, 50 quilos de feijão, somando toneladas o que entra no fundo. E daí decidem se esse fundo vai para o banco autônomo ou se vai para investir em alguma outra coisa.

Outras formas de trabalhos coletivos que companheiros fazem é a *milpa*, o trabalho coletivo do cafezal, e já a colheita é outra forma de como ter uma renda.

Bom, há uma coisa que queremos compartilhar aqui, porque se em algum momento quando estiverem lutando isso acontecer, vocês saberão perceber. Ontem estávamos conversando sobre as ONG's, e dissemos que os projetos sociais diminuíram, não porque as ONG's continuam atuando ou porque não seguem executando projetos, ainda seguem por aí. Algo aconteceu que as ONG's não gostaram. Faz vários anos que uma ONG chegou aos companheiros das Juntas de Bom Governo e disse que havia um projeto de saúde, e os companheiros aceitaram, eram 400mil pesos destinados a esse projeto. Então. Eles voltam a chegar, para dizer como vão executar o projeto de saúde, já representado por outro membro da ONG, e a Junta de Bom Governo pergunta onde está o papel do projeto e o valor total.

- Mas vocês já não têm o projeto? – disse.

- Não, por isso estamos pedindo

- Ah, pois com muito prazer o enviamos.

Então nos entregam, e o projeto está escrito 1 milhão e 400 mil pesos. E aí vemos que essa ONG está nos dando 400 mil pesos e ficando com 1 milhão de pesos. Claro, é para pagar a luz, isso é logo o que disseram, que é para pagar o aluguel e não sei o que. Então daí começamos a ter a experiência de que, não sei como dizer, porque segundo isso que dizem ONG, é Organização Não Governamental, não é?

Então, nos ombros daqueles que estão lutando pela injustiça e desigualdade, e a miséria e tudo mais, tem alguns aí pendurados. Como somos inteligentes, não é?

A partir disso, os companheiros se comunicam com as Juntas das outras zonas para ficarem atentos. E agora cada ONG tem que apresentar seus projetos e se pedimos o valor total do verba destinada, e dizem que “nos vão entregar mais para frente”, aí já não conseguem mais chegar faz uns anos, porque já não encontrar seus carros para retornar.

É isso que aconteceu. Alguns ficaram, e estão acompanhando os companheiros das Juntas de Bom Governo. Mas, isso não quer dizer que as ONG's que existem não estão buscando projetos. Sim, andam por aí, até mesmo dizendo que trabalham com os municípios autônomos rebeldes zapatistas, mas enfim, eles ainda não perdem por esperar.

Uma das formas que companheiros encontraram de economizar, o exemplo que vou contar é da área da saúde, foi um acordo que os companheiros fizeram com alguns

médicos. Os médicos dizem que há cirurgias pequenas e grandes, e que as cirurgias pequenas estão custando de 20 a 25 mil pesos, e as grandes muito mais que isso. Então, os médicos que ajudam e apoiam os companheiros é ir aos hospitais autônomos e fazer a cirurgia lá.

É realmente uma grande ajuda porque eles usam suas serras e removem o que precisa ser removido e pronto; os companheiros não precisam pagar. Os companheiros ficam apenas responsáveis pelo custo dos antibióticos, para evitar infecções, e que custam cerca de mil a dois mil pesos. Ou seja, é uma grande economia.

Outra forma é que essa voz que já contei a vocês, corre. Corre pelas comunidades, e ontem estávamos conversando sobre a situação dos partidários que vão no hospital e não há médicos, não há cirurgiões ou cirurgiãs, e então corre a voz de como os companheiros zapatistas estão se organizando, e aí os partidários vão para os hospitais onde estão os médicos solidários. Daí o que fazem os companheiros é decidir na assembleia da zona e entrar em acordo, se vão cobrar algo dos partidários, mas que tampouco seja algo abusivo.

Por exemplo, se um médico diz, que uma cirurgia vale 6 mil pesos, os partidários terão que pagar 3 mil pesos. E se a cirurgia custa 8 mil, então irão pagar 4 mil. Mesmo assim os partidários estão economizando, porque em qualquer outro lugar a cirurgia custaria de 20 a 25 mil pesos.

Essa é uma forma de como conseguimos dinheiro, como financiamento. Existem zonas que fazem artesanato. Existam companheiras que trabalham na pecuária ou vendendo comida coletivamente nas zonas, mas são trabalhos temporários porque não tem saída o ano todo, é mais quando tem festa nossa, e aí os restaurantes coletivos funcionam.

Nesses trabalhos coletivos das zonas, os companheiros que são representantes dos Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas e das Juntas de Bom Governo, junto com os companheiros do Comitê Clandestino, são os encarregados de promover, de agitar, buscar apoio e orientação, de animar.

Agora já contam também com a participação dos companheiros das bases de apoio, que propõem em assembleia, quais são os trabalhos coletivos que podem fazer. Esses trabalhos coletivos que falamos têm nos ajudado muito a entender verdadeiramente como vigiar o governo, porque são os que administram, o governo, a Junta de Bom Governo, ou os MAREZ⁸. E como é trabalho, é suor do povo, os companheiros exigem que suas autoridades que mostrem os gastos, quanto houve de entrada em caixa, quanto foi gasto no total, com o que se gastou e quanto restou. E como não param de exigir de suas autoridades, elas têm que se render e mostrar as contas, e imaginem se alguma descobrem

⁸ Municípios Autônomos Revolucionários Zapatistas (MAREZ).

se alguma quantia está faltando, em vez de prendê-los os companheiros os levam para os trabalhos coletivos, porque é assim que terão que pagar o que roubaram ou gastaram.

No trabalho coletivo realizado por centenas de homens, acontecem alguns probleminhas que logo se transformam em um problemão. Por exemplo, eu já sei que terei que trabalhar na *milpa*, então pego um machado, uma machadinha e um companheiro leva um facão. Qual que é o problema aqui? O problema é que na hora do trabalho, meu machadinho é pouco eficiente e trabalha um espaço menor do que o facão do meu companheiro, ou seja, estou dando uma de “joão sem braço” para trabalhar menos. Então, quando acontece isso, a autoridade, o encarregado do trabalho coletivo, divide uma porção de dois metros quadrados para cada um trabalhar, e quem termina primeiro sua parte terminou o seu trabalho.

Porque essas coisas desanimam, desmoralizam, causam problemas, e há dirigente que permite, porque é seu cunhado, seu sogro, essas coisas, não? E se tem que buscar uma solução de como fazê-lo. Ah, e tem aqueles que ficam fumando seu cigarro, outros que ficam muito tempo afiando seu facão, que é para passar o tempo, ou seja, sendo folgado e preguiçoso. Tomara que não aconteça isso, por aqui aí sim vão ver que é o mais esperto.

O negócio, como estávamos dizendo ontem, é que não deixamos nada passar despercebido. Somos muito ignorantes, irredutíveis. Não abandonamos. Buscamos as saídas, aclarando as coisas, explicando-as e assim vamos seguir.

Sobre os projetos de trabalho coletivo que estamos aqui discutindo, o que nos tem ajudado muito e está funcionando é essa forma, na qual o mês é dividido em 10 dias de trabalho coletivo e 20 dias de trabalho familiar. Cada quem se põe de acordo. Alguém pode dizer não, que prefere 5 dias para trabalho coletivo e 25 para o trabalho da família. Mas cada lugar faz seu acordo, o acordo da comunidade, da região, dos municípios autônomos, da zona. O trabalho coletivo acontece em quatro níveis, ou seja, há quatro níveis de assembleias, podemos dizer, quatro níveis para chegar a um acordo.

E, portanto, o que estamos discutindo aqui, companheiros, o que nos dá força é que seguimos organizados. E estamos organizados em tudo e sob um mesmo pensamento, porque todos sabemos que aqui precisamos uns dos outros para resolver nossos próprios problemas. Nós não pensamos que ninguém os resolva para nós, nem o governo nem ninguém. E assim, companheiros e companheiras, temos que resolver esse problema, temos que fazer esse trabalho. Se temos que pensar, se temos que discutir, se temos que analisar, se temos de encorajar, se temos que consultar as bases. Realmente os companheiros aprofundaram sobre esses processos, e até desenvolveram um mecanismo de como colocá-lo em prática.

Tomem em conta que estávamos aqui, e há uma proposta da Junta de Bom Governo agora, e nós como autoridades, entendemos a grande importância, a necessidade

de estar aqui, no entanto as bases não sabem, e por isso temos que voltar. E vamos levar 10, 15 dias, e nos encontramos novamente em assembleia para ver os resultados. Ou seja, são processos que demoram a resolver-se, mas se fazemos isso, e se conseguimos, é porque estamos organizados.

A organização coletiva é o que nos une. Por isso é tão importante *organizar-se*. Mas uma vez que já estamos aqui, a primeira questão é o que *vamos fazer, como vamos fazer* e resolver a montanha de problemas que aparecem, aí vocês vão ver, e é por isso que estamos aqui conversando, e não por outra coisa, para que então aqueles que nos representarão tenham realmente estômago para isso, porque você verá, você pode ser o primeiro a abandonar o processo. E quando eu digo abandonar, pode ser por muitas razões diferentes, pode ser que você roube do seu próprio povo, ou pode se mostrar bom em mandar nas pessoas, mas ruim para o trabalho, que só faz exigências e grita, mas você mesmo não faz nada. Ou pode ser o contrário, que você trabalha como louco e você olha para o seu povo e eles não estão seguindo seu exemplo e então você se pergunta: "por que eu estou me matando aqui?"

Vão ver, vão ver, é por isso que estamos dizendo, que é assim, não há outro caminho, por mais que queira buscar outra. Há essa ideia de desobediência, isto é, de desobedecer ao sistema. Como? Os companheiros da base de apoio estão fazendo isso, desobedecendo e, assim certamente o governo não entra, nem o político, nem o ideológico e o econômico, porque quase igual eles fazem, porque nós não pagamos os milhões de impostos, que são milhões de pesos, mas também não recebemos os milhões que eles dizem que nos dão, e é por isso que dizemos que somos mais ou menos o mesmo então. Mas não entram na nossa cultura, nem no social.

Já vejo que os olhos de vocês estão cansados e começam a ficar pequenos. Amanhã continuamos e seguimos.

Hoje dizemos

Aqui estamos!

Somos a dignidade rebelde, o coração esquecido da pátria!

1º de janeiro de 1996

Todos os povos, todos aqueles que trabalham a terra, convidamos que se juntem a nós e nós daremos a vida por uma luta conjunta, para que nós caminhemos com a ajuda de vocês.

Que sigamos lutando e não descansemos e a nossa propriedade será a terra, propriedade da gente, que foi de nossos avós, e que patas de pedra que maceram o chão

nos arrebatem, a sombra daqueles que passaram, que mandavam muito: que nós juntos caminhemos para o alto, com os punhos para cima e com a força de nosso coração, essa beleza que se abre para ser vista, que se torna estandarte de nossa dignidade e da liberdade de nossos trabalhadores da terra; que sigamos lutando e vençamos aqueles que de novo vem nos levar ao alto das montanhas, dos que apoiam até aqueles que nos tiraram a terra, daqueles que fazem fortunas com o trabalho dos que são como nós, e aqueles grileiros das fazendas, esse é nosso dever de honra, se nós queremos que nos chamem de homem do bem viver, e bem como os verdadeiros habitantes dos povoados. Agora, de algum modo, mais que nunca, necessitamos andar todos unidos, com nosso coração e com nosso empenho, neste grande e maravilhoso trabalho de unificação, bem verdadeiro, daqueles que começaram a luta, que guardavam em seus corações puros esses princípios e não perderam a fé do bem viver.

Nós rogamos a aquele cuja a mão se aproxime a este manifesto que o faça passar por todos os homens dos nossos povoados.

Reforma, Liberdade, Justiça e Lei.

General-Chefe do Exército Libertador do Sul

Emiliano Zapata

(Manifesto zapatista em náhuatl)

Ao povo do México:

Aos povos e governos do mundo:

Irmãos:

Não morrerá a flor da palavra. Poderá morrer no rosto oculto que a diz, de quem nomeia hoje, mas a palavra veio desde os primórdios da história e da terra e já não pode ser arrancada pela soberbia do poder.

Nós nascemos da noite. E nela vivemos. Morremos nela. Mas a luz será o amanhã para os demais, para todos aqueles que choram a noite, para quem nega o dia, para quem a morte é um presente, para aqueles que a vida está proibida. Para todos a luz! Para todos tudo. Para nós, a dor e a angústia, para nós a alegre rebeldia, para nós o futuro negado, para nós a dignidade insurgente. Para nós nada.

Nossa luta é por fazer nos escutar, e o mau governo grita soberba e tapa com canhões os ouvidos.

Nossa luta é pela fome, e o mau governo dá caneta e papel aos estômagos de nossos filhos.

Nossa luta é por teto digno, e o mau governo destrói nossa casa e nossa história.

Nossa luta é pelo saber, e o mau governo distribui ignorância e desprezo.

Nossa luta é pela terra, e o mau governo oferece cemitérios.

Nossa luta é por um trabalho justo e digno, e o mau governo compra e vende corpos e vergonha.

Nossa luta é pela vida, e o mau governo oferece morte como futuro.

Nossa luta é por respeito ao nosso direito de governar e de nos governar, e o mau governo impõe a maioria a lei da minoria.

Nossa luta é pela liberdade para o pensamento e para o caminhar, e o mau governo coloca cadeias e tumbas.

Nossa luta é por justiça, e o mau governo se enche de criminosos e assassinos.

Nossa luta é pela história, e o mau governo propõe o esquecimento.

Nossa luta é pela Pátria, e o mau governo sonha com a bandeira e com idiomas estrangeiros.

Nossa luta é pela paz, e o mau governo anuncia a guerra e destruição.

Teto, terra, trabalho, pão, saúde, educação, independência, democracia, liberdade, justiça e paz. Essas foram nossas bandeiras na madrugada de 1994. Essas foram nossas demandas na longa noite dos 500 anos. Essas são, atualmente, nossas exigências.

Nosso sangue e nossa palavra incendiaram a pequena chama nas montanhas e nos caminhamos em direção a casa do poder e do dinheiro. Irmãos e irmãs de outras raças e outras línguas, de outra cor e mesmo coração, protegeram nossa luz e nela beberam suas respectivas chamas.

Vieram os poderosos a nos apagar com seus fortes sopros, mas nossa luz cresceu em outras luzes. O rico sonha em apagar a luz originária. É inútil, existem muitas luzes e todas são as originárias.

O soberbo que apagar a rebeldia com sua ignorância no amanhecer de 1994. No entanto, a rebeldia que hoje tem rosto moreno e o dialeto verdadeiro, não nasceu hoje. Antes já tinha falado com outros dialetos e em outras terras. Em muitas montanhas e histórias a rebeldia vem caminhando contra a injustiça. Já falou em dialetos náhuatl, paipai, kiliwa, cúcapa, cochimi, kumiai, yuma, seri, chontal, chinanteco, pame, chichimeca, otomí, mazahua, matlazinca, ocuilteco, zapoteco, solteco, chatino, papabuco, mixteco, cuicateco, triqui, amuzgo, mazateco, chocho, izcateco, huave, tlapaneco, totonaca, tepehua, popoluca, mixe, zoque, huasteco, lacandón, maya, chol, tzeltal, tzotzil, tojolabal, mame, teco, ixil, aguacateco, motocintleco, chicomucelteco, kanjobal, jacalteco, quiché, cakchiquel, ketchi, pima, tepehuán, tarahumara, mayo, yaqui, cahíta, ópata, cora, huichol, purépecha y kikapú. Falou e fala castelhano. A rebeldia não é uma coisa de só de idiomas, é coisa de dignidade e de seres humanos.

Por trabalhar nos matam, por viver nos matam. Não há lugar para nós no mundo do poder. Por lutar nos matam, mas assim faremos um mundo onde caibamos todos e todas e, nós vivamos sem matar as palavras. Querem nos tirar a terra para não exista solo no nosso caminho. Querem nos tirar a história para nossa palavra morra no esquecimento. Não nos querem índios. Nos querem mortos.

Os poderosos querem nosso silêncio. Calados nós morremos, sem a palavra não existimos. Lutamos para falar contra o esquecimento, contra a morte, pela memória e pela vida. Lutamos pelo medo de morrer no esquecimento.

Falando em seu coração indígena, a Pátria segue digna e com sua memória⁹.

⁹ Esse excerto pertence a “Cuarta Declaración de la Selva Lacandona” [Quarta Declaração da Selva Lacandona], publicado em 1º de janeiro de 1996 em <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/1996/01/01/cuarta-declaracion-de-la-selva-lacandona/>